

GUIMARÃES (São Torcato)

A igreja de São Torcato pertence à freguesia com o mesmo nome, no concelho de Guimarães, distrito de Braga, e dista cerca de 7 km da sede de concelho, estando situada nas proximidades da margem direita do rio Selho. Saindo de Guimarães, seguir pela estrada N101 e depois entrar na estrada N207-4. Mais à frente, virar à esquerda em direção à rua Cónego Baltazar Meira e a igreja encontra-se do lado esquerdo.

A igreja está assente num local elevado e tem um enquadramento rural. As intervenções arqueológicas no local revelaram uma ocupação romana e é possível que aí houvesse um templo paleocristão de período visigótico. No outeiro onde estava implantado o mosteiro de São Torcato foi recolhida cerâmica e uma figurinha esculpida em arte deste mesmo período.

Uma das vias medievais da região de Entre Douro e Minho passava em São Torcato. Carlos Alberto Ferreira de Almeida afirma que o caminho que seguia de Guimarães para Vieira do Minho passava na localidade de São Torcato onde, além de ser um centro de peregrinação tinha perto uma leprosaria.

Igreja de São Torcato

O TOPÓNIMO SÃO TORCATO surge num documento de 1014, mas que remete para uma doação anterior datada de 950, onde é expressamente mencionado *divide cum Sancto Torquato*, o que indicia a existência de um templo dedicado àquele santo, contendo, obrigatoriamente, relíquias do seu patrono, as quais são referidas num diploma do reinado de Fernando Magno, de 1049. O testamento de D. Mumadona Dias (959) menciona a prática do culto ao dito santo, já no século X, ao nomear uma extensa lista de santos venerados no cenóbio de Guimarães. A campanha de obras realizada em 1986 revelou a existência de oito caixas-relicário, que estavam dentro do altar-mor. Na mais antiga, do século X, guardavam-se as relíquias de vários santos entre os quais as de São Torcato, segundo uma inscrição do século XIII.

A atual igreja terá sido construída na primeira metade do século X, segundo afirma Avelino de Jesus da Costa. São Torcato, desde a sua origem, esteve bastante ligado ao mosteiro de Guimarães, fundado por D. Mumadona Dias, podendo mesmo ter sido pertença desse mosteiro. Porém, na doação de Fernando I de Leão ao mosteiro de Guimarães em 1059 é já referido autonomamente *monasterio Sancto Torquati per se etiam et cum suas villas*. Posteriormente, o mosteiro de São Torcato terá sido transferido para os reis de Leão e, mais tarde, talvez por intermédio dos condes D. Henrique e D. Teresa, para os reis de Portugal. O lugar de São Torcato é novamente nomeado num escambo datado

de julho de 1103 entre o conde D. Henrique e D. Teresa e o mosteiro de Guimarães com Mendo Viegas, Gomes Nunes e Toda *Eitaz*.

De 1132 data uma inscrição que comemora a dedicação do altar-mor da igreja de São Torcato, por D. Paio Mendes, e registada numa lipsanoteca, pequeno relicário encontrado no interior do altar da dita igreja. Publicada pela primeira vez em 1992 por Mário Barroca e Manuel Real, foi recentemente republicada no *Corpus Epigraphicum Portugalensium*

D[e]DICATA EST EC(c)L(es)IA ISTA A D(om)NO PELAGIO / BRAC(h)ARENSI ARCHIEP(iscop)O. IN HONORE S(an)C(t)ISA[lv]A / TORIS. S(ancte) MARIE. S(ancte) MICHAELIS. S(ancte) P(e)TR[i]a]P(osto)LI / S(ancte) TORQVATI. ANNO AB INCARNATIONIS D(om)NI / M^o. C^o. XXX^o II^o

No século XIII, o mosteiro aderiu à Regra dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, como se pode inferir da carta de couto concedida por D. Afonso Henriques, em 1173. A documentação relativa a este cenóbio é bastante profusa e dá-nos conta de constantes diferendos entre o mosteiro de São Torcato e o cabido bracarense, sobretudo relativos ao pagamento de rendas, exigindo mesmo, em certos casos, a intervenção apostólica. Estas divergências, que tiveram início em finais do século XII e que se prolongaram até ao século XV, eram também relativas a



Perspetiva geral da igreja. Alçado oeste

desacordos com os rendeiros, que se recusavam a pagar direitos ao mosteiro.

De 1186 data uma inscrição registada por Francisco Craesbeeck, mas atualmente desaparecida. Na interpretação de Mário Barroca, que segue a leitura de Craesbeeck, lê-se

ERA M CC XX IIII

Esta inscrição poderia comemorar o fim da primeira fase das obras românicas do mosteiro de São Torcato, pois o seu altar-mor fora já dedicado em 1132 por D. Paio Mendes, arcebispo de Braga, como assinalado acima.

As Inquirições de 1220 localizam o *monasterio Sancti Torquati* na Terra de Guimarães e como sendo de padroado régio. O rei detinha aí vários casais, dos quais recebia inúmeros bens e direitos. Segundo as Inquirições de 1258, o mosteiro de São Torcato situava-se no julgado de Guimarães e é reafirmado que era pertença do rei e da sua apresentação, ou seja, era o rei que indicava o nome do abade, depois confirmado pelo arcebispo de Braga. O couto do mosteiro resultou de uma doação régia e aí havia 31 casais, todos do dito mosteiro de São Torcato. As Inquirições realizadas no reinado de D. Dinis, em 1288, reafirmam o que fora declarado nas anteriores, de 1258.

Segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros elaborado em 1320, o mosteiro de São Torcato contribuiria com 300 libras para o financiamento da Cruzada.

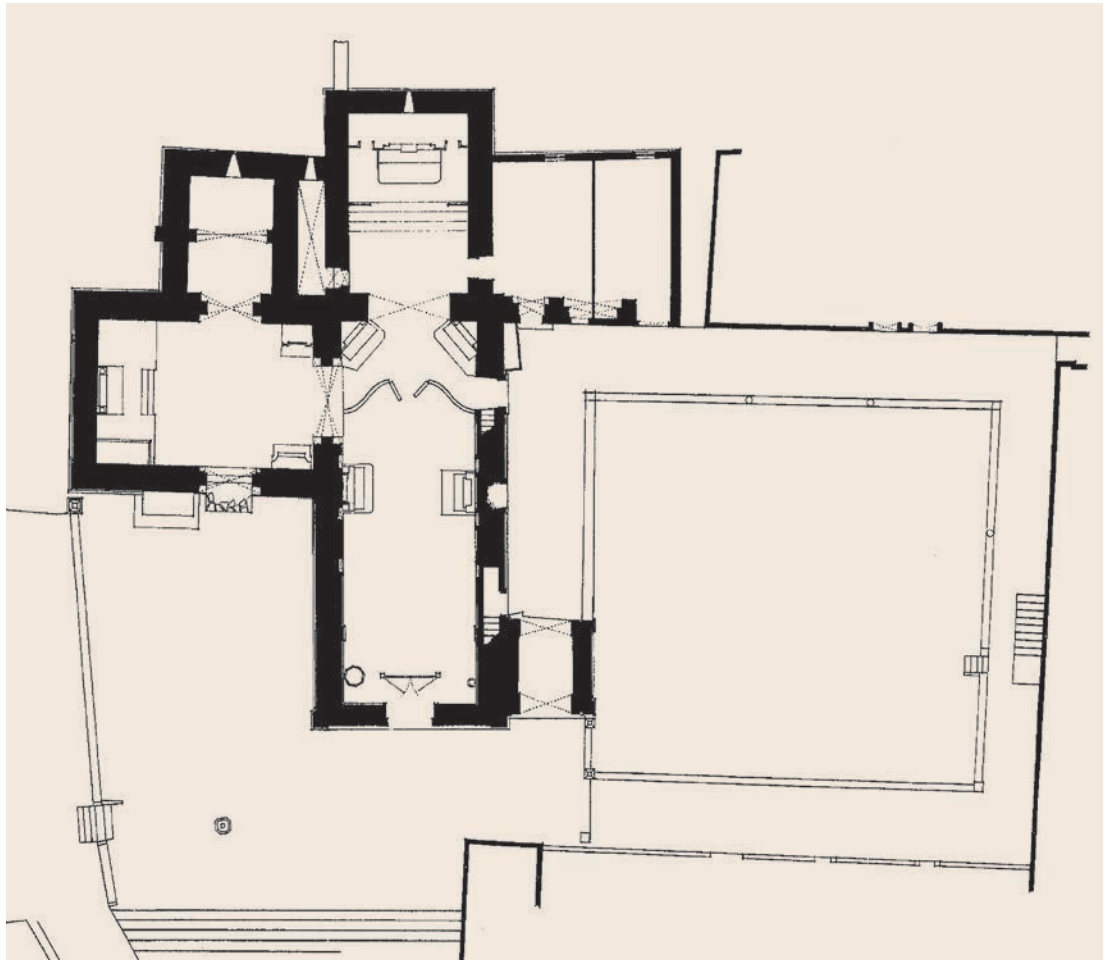
Era frequente os mosteiros serem beneficiados com doações testamentárias e São Torcato não era exceção. Martinho Eanes Barrosas, cónego de Braga e reitor da igreja de São Pedro de Este, deixa, em 1325, uma libra ao mosteiro de São Torcato.

O *Censual do Cabido de Braga* regista vários pagamentos do mosteiro de São Torcato ao referido cabido, ao longo do século xv. Porém, na centúria seguinte, acentuou-se a agonia deste mosteiro crúzio, a par de tantos outros cenóbios do norte do reino. Em consequência desta situação, o papa Sisto iv, por breve de julho de 1474, decidiu a extinção do mosteiro de São Torcato unindo-o à Colegiada de Guimarães. Apesar da sua supressão, a recordação deste cenóbio continuava bem presente na memória dos homens. João de Barros, em meados do século xvi, refere que o mosteiro já não tinha frades e era anexo ao Cabido, mas o corpo de São Torcato era ainda venerado em capela própria no interior do templo.

Segundo as Memórias de Craesbeeck, na igreja havia várias epígrafes medievais. Mário Barroca também regista



Alçado este



Planta
(DGEMN/SIPA-DGPC)



Cabeceira. Pormenor da cornija sobre arquinhos e reaproveitamento de friiso



Cabeceira. Pormenor da cornija sobre arquinhos

essas epígrafes, com um estudo demorado para cada inscrição. Uma delas assinala a data 1321 o que, na interpretação deste historiador, poderia indicar o final de alguma obra arquitetónica.

As Memórias Paroquiais de 1758 relembram tanto as sagradas relíquias de São Torcato como a fundação do mosteiro pelo primeiro monarca português. Segundo estes registos “o seu orago hé Sam Torquato que existe em carne, intruzo em hum tumulo de pedra jessado com duas piramides huma de cada parte e no meio huma cruz e na fronte deste está o distico seguinte: *Hoc tumulo illeziz conduntur carnibus ossa Torquati Diui pignora clara Deo* [...] o senhor Rei Dom Affonso Henriques o qual fez mercê delle aos frades de Santo Agostinho com grandessissimos privilegios”.

Da época românica pouco remanesce na igreja do mosteiro de São Torcato. O conjunto arquitetónico que hoje observamos foi profundamente transformado durante a época moderna, apesar de persistirem elementos arquitetónicos pré-românicos e românicos pulverizados pelo conjunto edificado. A igreja paroquial compõe-se de capela-mor retangular e nave única. Paralela a esta, e orientada, conserva-se uma capela, definida por dois tramos marcados por arco toral e abrindo-se através de arco de volta perfeita para uma outra capela, que se desenvolve perpendicular a esta, e ligando-se à nave da igreja quase ao modo de transepto. A sul, a sacristia que comunica com a abside e se abre através de três arcos quebrados para a persistente quadra claustral e talvez aproveitando a estrutura da sala capitular, é tardia. A escala do conjunto arquitetónico comprova a importância que, desde a Idade Média, as relíquias de São Torcato tiveram. Este fenómeno

é ainda perceptível no século XVI pois o *loculus* do altar foi aberto, tendo-se então colocado nas várias lipsanotecas aí existentes tiras de papel que visavam confirmar a “autenticidade” das relíquias aí guardadas. A presença das mesmas justificou, também, a profunda transformação que a igreja e capelas adjacentes sofreram na época moderna, reaproveitando materiais das construções anteriores e, depois, ditou a edificação de um novo edifício, próximo deste, projetado em 1864 e concebido com a escala de Santuário para as acolher.

A presença do aparelho pseudo-isódomo em todo o conjunto edificado concorre para a persistência de uma fâcies medieva, que a contenção ao nível decorativo acentua. A ampliação da igreja durante a época moderna terá aproveitado silhares da edificação do período românico, a que acrescentou outros com a mesma esquadria. Esta alteridade da fábrica construtiva do mosteiro de São Torcato torna pouco inteligível a identificação das parcelas verdadeiramente românicas. Contudo, em alguns pontos identificam-se evidentes reaproveitamentos de elementos pré-românicos e de outros, da época românica.

Começamos pelos primeiros, devidamente identificados e estudados por Mário Barroca e Manuel Real na sequência da intervenção arqueológica realizada na década de 1980. Do século X destacam-se cerca de 30 fragmentos de friso em calcário e dois ajimezes incorporados na cabeceira românica. Os mesmos, visíveis quer no interior, quer no exterior (cunhal noroeste e próximo da cornija) acusam um talhe a bisel que desenhou motivos vegetalistas e fitomórficos variados, inscritos em círculos sobrepostos ou encadeados, de boa qualidade. Este facto levou Manuel

Real a colocar a hipótese de terem sido feitos na região de Coimbra. Uma outra parcela de friso encontra-se reaproveitada em murete no adro da igreja. O desenho dos ajimezes é, contudo, irregular podendo, por isso, ser obra de artífice menos experiente. No Museu Alberto Sampaio há peças de dois frisos (MAS, L-13 e MAS, L-15), também em calcário, de motivos geométricos semelhantes aos que se conservam na igreja e um capitel em granito (MAS, L-28), provenientes de São Torcato.

Ainda deste período, e no mesmo contexto de intervenção arqueológica, foram identificados os alicerces da cabeceira pré-românica, desenhando uma planta regular. Esta cronologia foi confirmada pela descoberta de uma caixa-relicário do século X, com decoração e inscrição do século XIII que diz aí se guardarem as relíquias do Santo Lenho, dos Santos Cosme e Damião e de São Torcato. Esta lipsanoteca foi encontrada dentro da mesa de altar, o que reforça esta cronologia. De referir, ainda, a sobrevivência do pé de altar pré-românico com respetivo *loculus*.

A mesa de altar, também com seus *loculi*, é já do século XII. Também da época românica são dignas de nota outras caixas-relicário encontradas *in loco* e que permitem datar diferentes fases construtivas da igreja e do altar-mor. De destacar, a já referida, que alude à data de da sacração da igreja em 1132 e que será coincidente com a reformulação

do altar e construção do templo românico ou, pelo menos, da sua cabeceira. Apesar de muito transformada, como já referimos, a capela-mor conserva significantes vestígios românicos, de que destacamos no exterior a cornija sobre arquinhos que a remata, elemento comum ao românico português e disseminado a partir da Sé-Velha de Coimbra. Em algumas das mísulas que sustentam os arquinhos ainda persistem motivos escultóricos de sabor românico, tendencialmente geometrizados, sendo que um deles convoca a forma de um focinho de animal. A cornija sobre arquinhos persiste ainda na capela lateral e no corpo da nave. Alguns desalinhamentos confirmam o seu reaproveitamento. No alçado norte da cabeceira da capela, um contraforte interrompido permite-nos identificar a sua cobertura abobadada. O corpo da capela é mais tardio, conforme indica a configuração do seu portal, em arco quebrado e inscrito na espessura do muro, que já nos aponta para uma cronologia mais próxima do modo gótico de conceber este tipo de estruturas. Neste alçado a cornija assenta sobre cachorros de secção retangular.

A persistência em São Torcato de vestígios pré-românicos, bem como de um conjunto de oito caixas-relicários e suas relíquias, encontradas em 1986 dentro do altar-mor, conferem a este mosteiro um valor particular. Contudo, as transformações sofridas ao longo da época moderna deram

Interior. Perspetiva da nave e abside a partir do lado ocidental





*Interior. Abside.
Ajimez pré-românico*



*Interior. Abside. Parcela de friso
pré-românico*

continuidade a um modo de construir de sabor medieval, particularmente visível na forma como se aparelhou a pedra. Isto poderá ser justificado por uma intenção clara de confirmar visualmente a ancestralidade do lugar sacro, guardião de importantes relíquias, cuja autenticidade foi "confirmada" no século XVI.

Em 1922, a capela de São Torcato foi classificada como Monumento Nacional, não se incluindo na mesma proteção a Igreja Paroquial. Em 2018, a igreja e capela de São Torcato passaram a integrar a Rota do Românico.

Texto: MLB/JL - Fotos: TC - Plano: SIPA/DGPC

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1968, pp. 192-193; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 177 (de 1186), Insc. n.º 504 (de 1305, maio, 16) e Insc. n.º 545 (de 1321); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 79 (de 1132) e Insc. n.º 202 (de 1186); BARROCA, M.J. in FERNANDES, I.M., 2000, Peças n.ºs 3, 4 e 5, pp. 79-80; BARROCA, M.J. e REAL, M.L., 1992, pp. 138, 143-147, 153 e 160-162; BARROS, J., 2019, pp. 196 e 315; COSTA, A.J., 1997-2000, I, pp. 1, 73, 149, 150, 516 e II, p. 255; CRAESBEECK, F.X.S., 1992, II, pp. 301-306; CEPB, 1935-60, XXVII, pp. 654-656; MEM. PAROQ. 1758 (2003), pp. 368-369; FONTES, L., 2012, pp. 18 e 21; LMUMADONA doc. n.º 45 (83-84), doc. n.º 46 (85), doc. n.º 48 (91); MARQUES, J., 1988, pp. 719 e 736-737; PMH, DC, doc. n.º 229 (de 1016) e doc. n.º 420 (de 1059); PMH, INQ., pp. 7, 80, 171, 214 (de 1220) e 727-729 (de 1258); REAL, M.L., 2007, p. 164; PORTAL DO ARQUEÓLOGO; SIPA; SOUSA, B.V., 2016, p. 205; TEST. ECC. PORT., doc. n.º 1.49 (de 1325, abril, 25), p. 226.